

Os etnosaberes quilombolas sobre o uso das plantas medicinais no contexto escolar em turma da EJA

The ethnosaberes of quilombolas in the use of medicinal plants in the school context in the EJA class

Suely Dulce de Castilho
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
Cuiabá-MT, Brasil
Rosângela de Campos Silva
Secretaria de Educação (SEDUC)
Cuiabá-MT, Brasil

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar um recorte dos resultados, de pesquisa em nível de Mestrado em Educação. Busca evidenciar os saberes e fazeres das mulheres matakavalenses no cultivo e uso das plantas medicinais como alternativa para os cuidados primários de saúde, bem como compreender como a escola tem valorizado estes saberes no currículo. Se ancora na abordagem qualitativa e método etnográfico. Teoricamente apoia-se nas teorias pós-coloniais, e teorias críticas da educação e do currículo. Os instrumentos utilizados para coletar os dados foram: a observação participante, a entrevista semiestruturada e registro de diário de campo. Os resultados apontam a existência de múltiplos saberes, fazeres e usos ancestrais de plantas e ervas medicinais cultivadas na comunidade de Mata Cavalo, pelas mulheres, e que a escola tem procurado valorizar esse legado no seu fazer pedagógico.

Palavras-chave: Educação escolar quilombola; Etnosaberes; Plantas medicinais

Abstract

This article aims to present the results of a research cut at the master's level in Education. It seeks to highlight the knowledge and practices of women from Matakavalense in the cultivation and use of medicinal plants as an alternative to primary health care, as well as to understand how the school has valued this knowledge in the curriculum. It is anchored in the qualitative approach and ethnographic method. It is anchored in post-colonial theories, and critical theories of education and curriculum. The instruments used to collect the data were: participant observation, semi-structured interview and field diary registration. The results point to the existence of multiple knowledge, practices and ancestral uses of medicinal plants and herbs cultivated in the community of Mata Cavalo, by women, and that the school has sought to value this legacy in its pedagogical practice.

Keywords: Quilombola School Education; Etnosaberes; Medicinal plants

1 Introdução

Embora todo o avanço científico, tecnológico e da medicina moderna, as comunidades rurais quilombolas, dentre outras tradicionais, carregam consigo e ainda praticam diversas tradições e saberes farmacológicos herdados de seus antepassados. As plantas e ervas medicinais são cotidianamente utilizadas nas benzeduras, na arte de partejar, na prática de religiosidades de matriz africana, nas simpatias; em forma de chás, garrafadas, emplastos, banhos, como alternativas para curas e tratamentos de diversas enfermidades, sejam físicas, espirituais ou emocionais. Sejam exemplos problemas provenientes do aparelho digestivo, cólicas menstruais, dores de ventre, ferimentos diversos, frigidez feminina ou impotência masculina, pressão alta, obesidade, diabetes, quebranto, mau-olhado, arca-caída, quebra de feitiço, desânimo, tristeza, entre outras. Tais fármacos são encontradas abundantemente na vegetação natural local, ou cultivadas nos quintais dos/as moradores/as.

Tais práticas tem origens sincréticas religiosas e culturais, parte foi herdada das populações africanas, parte indígenas, e parte portuguesa. No entanto, é desenvolvida no Brasil com características próprias e muito particulares com importante protagonismo afro e indígena. As evidências já foram levantadas em diversas pesquisas. Em Mata Cavallo, essa prática secular é requerida não só pelos moradores da comunidade, mas também por diversas pessoas de cidades circunvizinhas. Na comunidade, as benzeduras e os trabalhos de cura com as ervas medicinais são praticados, especialmente, pelas mulheres mais velhas. Por essa razão elas são as principais participantes desta pesquisa, dentre elas 15 estudantes da turma de Educação de Jovens e Adultos/EJA, da sala anexa, da Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda, situada na comunidade de Mata Cavallo.

Estas mulheres que se dedicam às benzeduras, ou ao curandeirismo, possuem vasto conhecimento quanto aos tipos de ervas e plantas, e quanto ao uso das raízes, caules, folhas, frutos, produtos derivados de animais, tais como a gordura, o chifre, a pata, ou mel de abelha, entre outros. As entrevistadas fizeram questão de frisar que todos os remédios utilizados nos tratamentos alternativos são cultivados nos seus próprios quintais ou retirados das matas da comunidade.

O papel desempenhado pelas benzedeadas, dentre outras, é muito respeitado pela maioria dos moradores. Pessoas que por vezes tem nessa prática o único recurso que podem contar diante de um problema de saúde, diante de uma dor física, problemas espirituais, emocionais ou um pequeno acidente de trabalho. A forma de manipulação das ervas, transformando-as em remédio, e o ato de benzer são considerados como herança repassada entre as famílias e, geralmente, das mães/pais para as/os filha/os e, são também vistos como uma vocação recebida do divino, ou de Deus, como costumam afirmar.

A comunidade Mata-Cavalo é um território rural, negro e quilombola, localizado no Município de Nossa Senhora do Livramento, no Estado de Mato Grosso. Situa-se aproximadamente 60KM, distante da capital, Cuiabá. Ocupa uma área de 14.700 hectares, onde residem aproximadamente 418 famílias. O Quilombo Mata-Cavalo tem como marco de origem o ano de 1883, quando os africanos escravizados, que ali trabalhavam, receberam de sua ex-senhora, Dona Anna da Silva Tavares, a doação das terras. A população passou por sucessivas investidas violentas de expropriações territorial, atentados graves às suas vidas, às suas culturas e identidades. Desde 1996, iniciaram o processo de reocupação de suas terras ancestrais. Foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares, como território quilombola em 1999. Hoje vivem a luta por desvencilhar nas amarras calcificantes do racismo e da exclusão, em um movimento pela reconstrução da autoestima, e do autoconceito, por meio da educação (CASTILHO, 2011).

Embora todo o processo violento de dispersão sofrido, os moradores resguardaram inúmeras manifestações culturais, saberes e fazeres próprios, dentre elas, os conhecimentos sobre o uso medicinal, terapêutico e religioso das plantas e ervas nativas. Por tratar-se de práticas impregnadas no cotidiano dessa comunidade, no geral, e na escola, em particular, por acolher estudantes benzedeadas/os, curandeadas/os, principalmente nas turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), buscaremos também compreender como a educação escolar tem valorizado esses saberes? De acordo com os documentos oficiais curriculares, o ensino nas escolas quilombolas deve estar organizado de forma que leve em consideração o conhecimento dos estudantes e do seu meio, como possibilidades para que estes possam partir de sua realidade, para acessar os conhecimentos mais amplos.

2 Lócus da pesquisa e esclarecimentos metodológicos

Os etnosaberes quilombolas sobre o uso das plantas medicinais no contexto escolar em turma da EJA

A comunidade Quilombola de Mata Cavalo está localizada no Município de Nossa Senhora do Livramento, distante, aproximadamente, 50 km distante de Cuiabá, capital de Mato Grosso, em área rural. Tem seu marco de origem no ano de 1883 quando a Senhora Dona Anna da Silva Tavares, escravocrata da região, após a morte do seu esposo doou as terras aos seus escravizados, por não possuir herdeiros (CASTILHO 2011).

Essas terras foram efetivamente reconhecidas e certificada como terra de quilombo em 1999 pela Fundação Cultural Palmares¹. De acordo com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária de Mato Grosso (INCRA/MT, 2018), a área do Quilombo Mata Cavalo é composta por aproximadamente 14.600 hectares e nela residem 418 famílias. O território é dividido por linhas imaginárias, em seis comunidades, mantendo interdependentes, quais sejam: Mata Cavalo de Cima, Mata Cavalo de Baixo, Aguaçú de cima, Ponte da Estiva, Mutuca e Capim Verde. As famílias sobrevivem de criação de animais de pequeno porte, da agricultura de subsistência, com ênfase na plantação de banana e mandioca, dedicam-se, ainda, à produção de farinha, de rapadura de cana-de-açúcar, de doces de frutas e de artesanatos.

Por falta de regularização territorial a comunidade Mata Cavalo vive em situação de conflito fundiário. A situação econômica e social dos moradores, no geral, é precária. Mas, mesmo assim não deixam de realizar seus inúmeros festejos aos santos de devoção, ou aos guias e orixás no caso dos umbandistas. Lutam para manterem vivas as memórias, as suas manifestações culturais, seus saberes e fazeres ancestrais.

A relação do matacavalense com a ambiência onde vive é muito característico. Evidenciada a partir da importância que se atribui à terra como lugar ancestral, mas também um lugar que deve ser cuidado com toda dedicação e respeito. Busca-se cuidadosamente zelar para a manutenção do equilíbrio do meio ambiente. Tudo é feito com profunda sapiência, como por exemplo, a forma de se realizar o plantio na época apropriada, efetuar a colheita, até a retirada de madeira para a construção de casas, de acordo com as fases da lua, temperatura e suas interferências no solo, crescimento e amadurecimentos de plantações etc. Orientados pelos seus exímios saberes etnometeorológicos, etnoastrofísicos na relação com os fenômenos da natureza.

Metodologicamente o estudo está ancorado na abordagem qualitativa, dado que se utiliza de um conjunto de fenômenos humanos, em sua ambiência natural, e reúne dados

interpretativos para se entender os significados dos saberes e fazeres das pessoas envolvidas. Para Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que transformam o mundo em uma série de representações. Desvela os processos sociais pouco conhecidos e que pertencem a grupos particulares, sendo seu objetivo e indicação final, possibilitar o levantamento e/ou revisão de novas abordagens, conceitos e categorias referentes ao fenômeno estudado.

Os principais instrumentos de coleta de dados foram a observação participante e a entrevista semiestruturada. Ao todo foram entrevistadas 20 mulheres que residem na comunidade Mata Cavalo, dentre elas 15 são estudantes da EJA, como já mencionado. A entrevistas ocorreram no período de novembro de 2019 a fevereiro de 2020. Para tal, foi elaborado um roteiro, com perguntas para colher informações sobre o conhecimento delas a respeito das plantas medicinais. Das 20 entrevistadas, escolhemos uma experiência completa, como representativa das demais, para apresentar neste artigo. Os resultados das demais entrevistas serão descritos de forma compilados.

A observação participante, foi realizada na sala de aula da turma da Educação de Jovens e adultos da Escola Quilombola de Mata Cavalo Tereza Conceição de Arruda, localizada na comunidade Mata Cavalo. Também foram observadas as práticas de cultivo e coleta das plantas e ervas medicinais com a turma de estudante, em suas residências, e nas andanças pelas matas. Observamos a prática de uma das estudantes Benzedeiras, que será destacada, a seguir. Não houve a pretensão de comprovar teorias e tão pouco generalizá-las, mas, sim, de descrever as vivências e experiências dessas mulheres, compreendê-las, e revelar os seus múltiplos significados e deixar que o leitor decida se as interpretações podem ou não serem generalizáveis (ANDRÉ, 2009).

3 O lugar dos etnosaberes no currículo da escola: contribuições da etnobotânica

Os avanços nas políticas educacionais da população negra, rural e quilombola, nos últimos anos, foram possíveis à custas de muitas lutas e esforços do movimento negro e quilombola, junto ao Ministério da Educação. O esforço conjunto, provocou o Conselho Nacional de Educação (CNE) e a Câmara de Educação Básica (CEB), para a elaboração de variados documentos institucionalizando a educação escolar quilombola, como específica.

Os etnosaberes quilombolas sobre o uso das plantas medicinais no contexto escolar em turma da EJA

Seja exemplo, a Resolução de n.º 4/2010, que legitimou a Educação Escolar quilombola como modalidade de ensino, servindo de referência para os governos federais, estaduais e municipais (BRASIL, 2010).

A resolução traz, no seu artigo 41, a definição do que se entende da educação escolar quilombola como modalidade da educação básica:

Art. 41. A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Parágrafo único: na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, bem como nas demais, deve ser reconhecida e valorizada a diversidade cultural (BRASIL, 2010).

Na intenção de atender à supracitada resolução, foi publicada, no dia 20 de novembro de 2012, a Resolução CNE/CEB n.º 08, estabelecendo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. De cunho compulsório, a normativa sinaliza que tais diretrizes deveram estar de acordo com o conjunto das Diretrizes Curriculares Nacionais em vigor na educação brasileira. Ainda sobre a temática das comunidades quilombolas, o Ministério da Cultura aduz sobre a necessidade de se apresentar sua especificidade histórica, econômica, social, política, cultural e educacional, firmada pela legislação nacional. Preconiza, ainda a construção e a efetivação de um currículo com proposta pedagógica específica (BRASIL, 2012).

Nesse contexto, a educação escolar quilombola, tem como objetivo valorizar as identidades dessa população. Deve estabelecer conexão entre o saber escolar e os saberes locais provenientes da ancestralidade que originou a cultura negra no Brasil. Sugere que as legislações pertinentes, assegurem a especificidade de abordagens de temas nas diversas áreas de conhecimento. A partir da adoção de uma dinâmica metodológica de ensino e aprendizagem que garanta a efetivação dos conhecimentos curriculares levando em consideração as realidades quilombolas. Trata-se, pois, de ofertar um ensino que permita ao/a educando/a acesso aos conhecimentos advindos da ancestralidade, da oralidade e da memória, fortalecendo, assim, os processos identitários e culturais oriundos do seu povo.

Essas legislações estimularam os agentes escolares a repensar o lugar dos saberes quilombolas nos currículos. Na concepção de Moreira e Silva (2002), currículo é um artefato social e cultural. O que significa dizer que ele se inscreve em uma moldura de determinações

sociais, históricas e contextuais, por isso não é um elemento neutro, mas está implicado em relações de poder. Assim, transmite visões individuais e sociais particulares. No geral, se encontram à serviço do projeto de homens brancos, burgueses, heterossexuais, urbanos, entre outros. Enquanto outros sujeitos, seus saberes plurais, suas histórias são esquecidos, ou deturpados, ou escondidos. Portanto, o currículo quilombola, pautado nas especificidades que lhe é inerente, necessita corrigir tais distorções.

A incidência do pensamento pós-colonial e ou decolonial, e das teorias críticas da educação e do currículo tem possibilitado à crítica à esse tipo de currículo homogeneizante. Pelo seu caráter eurocêntrico, urbanocêntricos, racista e colonialista, ao mesmo tempo que tem permitido a busca pelo reconhecimento do currículo como um lugar de transgressão e mudança, como afirma Arroyo:

O currículo pode ser um dos lugares de ressonância das lutas por identidade que vêm da diversidade de espaços, de ações coletivas e de movimentos sociais. Lugar de reavaliação, resignificação da história e memória tidas como únicas, legítimas. Poderíamos ver as pressões para que as escolas, o material didático e literário, os currículos reavaliem e resignifiquem o passado nacional, sua interpretação como reações políticas a uma história mal contada e mal repassada nos próprios currículos e no material didático e literário. Feridas e traumas históricos não sarados se ocultados ou maltratados até nos sistemas de conhecimento e nos territórios da verdade: os currículos e as escolas (ARROYO, 2011, p. 297).

A perspectiva pós-colonial e/ou decolonial, assim como a teoria crítica da educação e do currículo permitem questionar o status de *universalidade* do saber escolar, e ao mesmo tempo acolhem a reivindicação de que a educação leve em consideração os saberes pluriversais, capaz de incluir todas as particularidades epistêmicas. A perspectiva é que haja um diálogo horizontal entre saberes de todos os povos e culturas do mundo, das cidades e das comunidades (GROSFOGUEL, 2010). Que desconstrua as hegemonias dos currículos burgueses, brancos, urbanocêntricos e etnocêntricos, abrindo espaço para a pluriversalidade de saberes. Em um gesto político-educativo de desocultamento e de reconhecimento de tais existências (ARROYO, 2011).

A abordagem bem como os estudos dos etnossaberes das populações tradicionais, tem sido importante contradiscurso alternativo ao discurso de *universalidade* de saberes. Tem sido empregada para denominar os saberes particulares ancestrais ou reconstruídos presentes nas diversas comunidades, entre elas os quilombolas. São considerados, como diria Mbembe (2014), alternativas que podem promover a ruptura com a verdade absoluta, com os materiais didáticos oferecidos pelo Estado, abrindo espaço e favorecendo outras

Os etnosaberes quilombolas sobre o uso das plantas medicinais no contexto escolar em turma da EJA

verdades, outros olhares, outros pensares e outros saberes-fazerem. Na concepção de Castilho e Santana (2018):

[...] os etnosaberes constituem-se como um referencial que tem como fundamento a revisão das construções das teorias, das práticas e dos saberes fundadas em concepções oriundas de processos e cosmovisões colonialistas. Busca-se reivindicar o reconhecimento, a importância dos dizeres, dos pensares, e dos fazeres de comunidades tradicionais, as quais sofreram os processos do colonialismo e, além disso, persegue o objetivo de que sejam reconhecidos seus saberes e fazeres tradicionais, na mesma simetria, racionalidade, e relevo que se tem atribuído às diferentes concepções e saberes (CASTILHO; SANTANA, 2018, p. 43).

No que diz respeito à etnobotânica, é compreendida, como o conjunto de artefatos, saberes-fazerem, crenças, comportamentos e normas de uso e regulação dos recursos naturais. São os saberes e saberes-fazerem construídos, reconstruídos e mantidos por determinados grupos étnicos, relacionados às plantas, “que permitem a domesticação e a manipulação de diversas espécies da flora e da fauna para que os indivíduos e suas coletividades possam se reproduzir cultural e materialmente” (DINIZ, 2019, p.14).

Na concepção de Amorozo (1996, p. 48) a etnobotânica é “a disciplina que se ocupa do estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal” e tais conceituações compreendem o modo como um grupo social classifica as plantas e a forma como as utiliza. Diegues e Arruda (2001) destacam que, quando se refere à abordagem dos estudos da etnobotânica e diversidades, essa intersecção tem se mostrado como um dos elementos significativos nos estudos das culturas, possibilitando estabelecer um caminho entre o conhecimento humano e o do mundo natural a partir de práticas vivenciadas por essas comunidades em suas ambiências.

Em suma, a etnobotânica compõe o rol da etnociência, pode ser considerada como área de conhecimento, que reúne epistemologia, disciplina, metodologia, didática e conteúdo próprios, assim como a Etnoliteratura, a etnomatemática, a etnolinguagem, a etnoarte, a etnoquímica, a etnofísica, a etnofilosofia, a etnossociologia, entre outras. Enquanto os etnosaberes, além de referenciais epistemológicos se configura como a reunião dos conteúdos étnicos fundados nas culturas e identidades específicas.

Este estudo vem reafirmar a importância da articulação dos etnosaberes e saberes escolares, tanto quanto reforçar a importância de considerar os conhecimentos tradicionais, ou etnosaberes, em sentido mais amplos, mais especificamente, sobre o uso fitoterápico. Reforça também a importância de que esses saberes-fazerem sejam reconhecidos pela

escola, e legitimados no currículo, como um recurso para fortalecer a identidade e a cultura quilombola, o sentimento de pertença dos moradores aos territórios, facilitar o entendimento de outros saberes que circulam na escola, entre outras possibilidades.

4 Resultados e discussões: dos etnosaberes aos saberes escolares curriculares

Nesta seção será apresentada a história de vida e vivência da Estudante da EJA, D. Helena, na sua relação com o uso das plantas medicinais e com a comunidade quilombola. A convite dela percorremos longas distâncias. Adentramos às matas. Seguimos trilhas. Atravessamos córregos para conhecer as plantas que a Dona Helena gostaria de nos mostrar. Terminamos com as pernas arranhadas por espinhos, canelas cobertas de carrapichos, mas com muito conhecimento agregado. Em seguida discutiremos alguns resultados das entrevistas com outras 19 mulheres, sobre o tema, dentre elas 15 estudantes da EJA, e os movimentos da escola em torno desses saberes.

Dona Helena da Silva Barros, é negra, benzedeira, quilombola e estudante da EJA da Escola Estadual quilombola Tereza Conceição de Arruda, nascida na comunidade Mata Cavalo de Cima, tem 54 anos, é católica e mãe de quatro filhos. Sua história de vida é recheada de luta pela sobrevivência. Perdeu a mãe quando ainda era adolescente. Ficou responsável por cuidar de seus irmãos menores, inclusive, um bebê de oito meses.

Em entrevista, ela relatou que a mãe era uma das únicas pessoas que tinha o ensino médio ali na comunidade e que, por esse motivo, era malvista por alguns fazendeiros, pois ela não deixava as pessoas a enganarem, quando tentavam expropriá-la do território. Ao falar da sua infância, D. Helena conta que foram tempos muitos difíceis na comunidade, em que se sentia abandonada pelo poder público. As famílias da comunidade eram constantemente ameaçadas pelos fazendeiros da região, que queimavam suas roças, faziam cercas para impedir a passagem dos/das quilombolas, pressionavam a comunidade para vender a terra a preços irrisórios, o que fez com que muitos se vissem obrigados a ir embora do quilombo.

Lembrou D. Helena que, quando era criança, nunca ingeriu nenhum remédio industrializado. Tratava da saúde somente com remédios feitos de plantas existentes no seu quintal ou próximo de sua casa. Em suas memórias, ela também relembra o fato de que as mulheres da comunidade sempre tiveram seus filhos com parteiras e que a sua mãe também era parteira, levando-a junto durante o ofício. Conhecia diversas orações e tinha o dom de

Os etnosaberes quilombolas sobre o uso das plantas medicinais no contexto escolar em turma da EJA

benzer. Antes de sua mãe morrer, já havia ensinado a ela muita coisa, até porque, de acordo com a entrevistada, no quilombo, as crianças, desde muito cedo, aprendem sobre a serventia das plantas, por uma questão de sobrevivência.

Depois de algum tempo, após a morte da sua mãe, seu pai mandou que ela fosse morar na cidade, porque temia pela vida dos filhos. É recorrente no quilombo pessoas quilombolas deixarem o território rumo às periferias de cidades vizinhas, sem nenhum tipo de estrutura para sobreviver. Nesse tempo a entrevistada narra que não tinha vontade de estudar, devido à rotina de serviço pesado que levava, na cidade. Não conseguiu concluir nem mesmo o Ensino Fundamental. Enquanto isso seu pai ficou morando na comunidade, enfrentando os fazendeiros, e, sempre que era possível, ia visitá-lo.

D. Helena morou por muito tempo em Várzea Grande, cidade anexa à Cuiabá, capital. Casou-se, teve seus filhos, mas o seu coração e sua alma pertenciam à comunidade e, por esse motivo, retornou ao seu local de origem. Mesmo enquanto morava na cidade, criou os seus filhos com os ensinamentos que aprendeu com os seus pais. Assim, sempre que um dos filhos adoeciam ela benzia, saía procurando as plantas nos quintais para fazer os chás e banhos, como fazia sua mãe.

A partir dessa perspectiva, o relato de D. Helena vai ao encontro do entendimento de Pasa (2011), que considera que, nas famílias tradicionais, os membros no seu conjunto possuem o conhecimento sobre as plantas, mas que as mulheres são mais envolvidas, pois delas depende desse saber para o cuidado com os filhos, marido. Geralmente, são elas as guardiãs e responsáveis pela disseminação do saber em relação ao uso das plantas medicinais tradicionais.

Ainda de acordo com Pasa (2007), a importância de conhecer as plantas medicinais em uma dada comunidade faz parte do processo de se estabelecer o sentimento de pertencimento, do seu modo de ser, da sua cultura, que vem sendo perpetuada por meio da oralidade, de geração em geração, e que, dessa forma, encontra-se amalgamada em seu íntimo, na sua história de vida, justificando, ainda mais, a importância de registrar esses saberes antes que se percam.

Relata a D. Helena, que na comunidade Mata Cavallo há variedades de plantas que podem ser utilizadas para fins terapêuticos. No entanto, é necessário que se tenha o conhecimento adequado, pois muitas pessoas que dizem conhecer sobre os benefícios das

plantas tomam de qualquer maneira e acabam sendo prejudicadas. Lembra ela que sua mãe contava que o chá da folha de laranja, por exemplo, é muito bom para dor de cabeça e cólicas menstruais, mas não pode ser ingerido quente, tem que ser frio, pois, se tomar muito quente, a pessoa pode perder os movimentos dos membros inferiores e superiores, além de que corre o risco de ficar com sequelas cerebrais. Assim como o uso simultâneo de plantas medicinais com medicamentos industrializados pode potencializar ou anular o efeito de ambos.

Diante desses fatos é importante seguir exatamente o que os sabedores das plantas medicinais indicam. Necessário seguir as orientações de suas aplicações, modo de preparo e modo de consumo. São elas que têm propriedade do saber local para realizar tais cuidados e práticas. Essas advertências são importantes, pois existe um entendimento errôneo, na sociedade mais ampla, de que tudo que é natural não tem risco à saúde. O depoimento de Dona Helena desconstrói tal concepção.

Diante dos relatos da entrevistada, foi possível vislumbrar quais e como as plantas medicinais existentes na comunidade são usadas pelos moradores como alternativa no tratamento da saúde. Nesses diálogos, também ficou evidente a importância desses valiosos saberes, característicos do lugar, que são repassados por meio da oralidade entre as gerações que se seguem. Isso implica dizer, em especial, que cada comunidade é singular em suas crenças, classificação e procedimentos da sua farmacologia. No entanto, nessa comunidade existe uma atribuição de significados comuns. São disseminados para todos os membros. Preceitos esses que envolvem o homem na sua totalidade: corpo, mente e espírito (CAMARGO, 2014).

De acordo com Hampaté Bâ (2010), necessário se faz romper com o desconhecimento da validade dos saberes tradicionais, com o pensamento de que uma sociedade fundamentada nas tradições orais não possui história. Trata-se de um entendimento equivocado, no dizer do autor, “Entre as nações modernas, onde a escrita tem precedência sobre a oralidade, onde o livro constitui o principal veículo de herança cultural, durante muito tempo julgou-se que povos sem escrita eram povos sem cultura” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 64).

Diante desses equívocos, a pesquisa se mostra importante pois propicia reflexões que permitem compreender que nem sempre serão os saberes científicos que norteiam as

Os etnosaberes quilombolas sobre o uso das plantas medicinais no contexto escolar em turma da EJA

ações de uma dada sociedade e que os saberes produzidos no interior dela, transmitidos oralmente de geração em geração, permitem a preservação da cultura de um povo, a partir das suas diferenças, conforme proposto por Barth (1969) e, por conseguinte, preserva a identidade e história da comunidade. No que diz respeito às comunidades quilombolas, a preservação de suas tradições lhes garante empoderamento intelectual, social e político.

Diante disso, importante se faz valorizar os saberes que esses moradores trazem de suas vivências e experiências no contexto escolar, espaço de socialização do saber, uma vez que esses repertórios de conhecimentos são preciosos e inspiradores fontes para estudos de botânica, além de outras possibilidades.

Em relação aos resultados das entrevistas com as outras 20 mulheres, incluindo Dona Helena, percebemos que os usos de plantas e ervas medicinais é de domínio de boa parte da população quilombola de Mata Cavallo. Dentre as vinte mulheres pesquisadas, 98% fazem uso mais intensamente de plantas medicinais, remédios caseiros que industrializados. Entre os motivos apresentados estão a facilidade em encontrar as ervas para fazer o remédio; pelos menores efeitos colaterais, e pelo baixo custo financeiro. É o que revela o trecho da entrevista: *Eu prefiro curar por aqui mesmo, quando é mal que a gente sabe o que é saio lá no quintal e pego o que eu preciso para me curar, e para curar outros que precisa também. Pelo menos, eu sei o que estou bebendo. Não custa nada (Dona Maria, 54 anos).*

Essa perspectiva também foi levantada por Cavaglier e Messeder (2014) que relatam em seus estudos que as plantas medicinais costumam ser uma das alternativas para parte da população de baixa renda, devido a diversos fatores, dentre os quais, custo alto dos medicamentos industrializados e o acesso restrito das pessoas a um sistema de saúde de qualidade. Essas também são algumas das importâncias que as mulheres entrevistadas atribuem ao uso medicinal das plantas e ervas naturais.

De acordo com as entrevistadas quando perguntado com quem adquiriu estes conhecimentos 80% disseram que foi com os seus familiares, avós e mães, principalmente. Enfatizaram que desde muito cedo as crianças já começam a aprender. Como afirma esta senhora: *Eu ensinei meus filhos e netos desde pequeno, quando a gente vai na roça já vou mostrando pra que serve cada planta que nós vê no caminho. E assim vão aprendendo (Dona Ana, 64 anos).*

A partir dos relatos das mulheres e das nossas andanças pelo quilombo junto a elas, elaboramos o quadro abaixo, que reúne as principais plantas medicinais encontradas na Comunidade Quilombola Mata Cavalo e utilizadas por elas para curar os mais diversos tipos de moléstias.

Quadro 1. Representação das espécies botânicas o nome popular e a parte utilizada consideradas com potencialidades medicinais na comunidade Mata Cavalo Nossa Senhora do Livramento – MT.

Nome científico	Nome Popular	Fins medicinais	Parte utilizada da planta
<i>Miconia albicans</i>	Canela de velho	Artrite, artrose e dores lombares.	Folha
<i>Morus nigra</i> L.	Amora	Rins e fígado e fortalecimento para o cabelo	Folha
<i>Momordicacharantia</i> L.	Melão de são caetano	Diabetes, dengue e problema de pele	Folha
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	Queimaduras, fortalecimento de cabelo	Folha (interior da folha)
<i>Justiciapectoralis</i> Jacq.	Anador	Dor de cabeça, gripe, diurético	Folhas
<i>Artemisiaabsinthium</i> L.	Losna	Febre, vermífugo, dores de estomago	Folha
<i>Caricapapaya</i> L.	Mamão (macho)	Mal digestão, dengue e diabetes	Flor
<i>Echinodorusmacrophyllus</i> Kunth	Chapéu-de-couro	Cálculo renal	Folha
<i>Strychnospseudoquina</i> A.St.-Hil	Quina	Cicatrizante, vermífugo e anemia	Casca
<i>Cecropiapachystachya</i>	Embauveira	Pressão alta	Broto
<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Quiabo de angola	Emagrecimento	Fruto e flores (seca)
<i>Cymbopogoncitratus</i>	Capim cidreira	Dor de cabeça, gases, pressão alta, digestivo, tosse e insônia	Raízes e folhas
<i>Melissa officinalis</i>	Erva cidreira	Calmante, gases e depressão	Folhas
<i>Bixaorellana</i>	Urucum (colorau)	Feridas e corante para alimentos.	Semente
<i>Psidiumguajava</i> L.	Goiabeira	Dor de barriga e diarreia	Broto
<i>Rutagraveolens</i> L.	Arruda	Cólicas menstruais, mau olhado, benze	Folha
<i>Mikaniaglomerata</i>	Guaco	Gripe, tosse, bronquite, asma.	Folha
<i>Pilocarpus jaborandi</i> Holmes.	Jaborandi	Seborreia e anestesia	Talo

Os etnosaberes quilombolas sobre o uso das plantas medicinais no contexto escolar em turma da EJA

<i>Scopariadulcis</i>	Vassourinha	Machucadura	Raiz, caule, folhas e flores
<i>Heteropterisaphrodisiaca</i>	Nó de cachorro	Anti-inflamatório, depurativo do sangue e afrodisíaco	Raiz
<i>Curatela americana L.</i>	Lixeira	Problema de vista cansada, anti-inflamatório e problemas respiratórios	Broto, flores e casca
<i>Palicourearigida;</i>	Douradinha	Rins, anti-inflamatório, infecção urinária	Folha
<i>ChenopodiumambrosioidesL.</i>	Mastruz ou erva santa maria	Vermífugo e piolhos	Folha
<i>Annona acutiflora Mart.</i>	Guiné	Proteção e inflamação	Folhas
<i>SymphytumofficinaleL.</i>	Confrei	Infecção	Folhas
<i>RicinuscommunisL.</i>	Mamona	Curar umbigo, expectorante fortalecimento do cabelo	Semente
<i>Gossypium hirsutum L.</i>	Algodão	Antibiótico e machucadura	Folhas
<i>MenthapulegiumL.</i>	Poejo	Resfriado, tosse e bronquite.	Ramo
<i>Malva sylvestrisL.</i>	Malva	Antibiótico e machucadura	Folhas
<i>Hyptissuaveolens</i>	Tapera Velha	Dor de estômago, mal digestão e dor de barriga	Folhas e raiz
<i>Punica granatumL.</i>	Romã	Dor de garganta	Casca do fruto
<i>RosmarinusofficinalisL.</i>	Alecrim	Calmante, mal-estar, mau olhado e para benzer.	Ramo
<i>Lafoensia pacari St. Hil.</i>	Mangava brava	Anti-inflamatório e emagrecimento	Casca
<i>Hancorniaspeciosa</i>	Mangabeira (mangaveira)	Câimbra, fraqueza nos nervos	Seiva (látex, o leite)
<i>ChamomillarecutitaL.</i>	Camomila	Calmante, gases e insônia	Flor e folhas
<i>Porophyllumruderale</i>	Arnica	Anti-inflamatório	Raiz
<i>Citrus limon</i>	Limão	Gripe	Fruto
<i>Plectranthusbarbatus</i>	Boldo	Dor de estomago, vomito	Folha

<i>Costusspiralis</i>	Caninha do brejo	Infecção urinária e pedras nos rins	Folhas
<i>Bauhineaforficata</i> L.	Pata de vaca	Diabetes e anti-inflamatório	Folhas
<i>Guibourtiahymenifolia</i>	Jatobá mirim	Anti-inflamatório	Seiva e casca
<i>Stryphnodendronadstringens</i> Mart.	Barbatimão	Infecção e corrimento	Casca
<i>Senna occidentalis</i> L	Fedegoso	Verme e benzer	Semente e folhas
<i>Anacardiumoccidentale</i> L	Cajú	Dor de barriga e anti-inflamatório	Casca
<i>Kalanchoedaigremontiana</i>	Aranto	Problemas de câncer	Folha
<i>Citrus x aurantium</i> L	Laranjeira	Gripe	Fruto
<i>Ocoteaodorifera</i> (Vell.) Rohwer	Canela	Regular menstruação	Casca
<i>Mimosa pudica</i>	Dorme dorme	Dor de garganta e infecção bucal	Folha
<i>Boerhavia hirsuta</i> Wild	Amarra pinto	Infecção de urina	Raiz
<i>Alliumsativum</i> L.	Alho	Gripe, pressão alta	Bulbo (cabeça do alho)
<i>Zingiberofficinale</i>	Gengibre	Gripe e resfriado	Raiz

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras, 2020.

Com relação as partes das plantas mais utilizadas as participantes da pesquisa relataram que são as folhas. Principalmente para o tratamento de diferentes enfermidades ligados ao sistema respiratório, reprodutor, cardiovascular, digestório, urinário, e também anti-inflamatório e cicatrizantes. Conforme mostra a Tabela 1, acima.

Algumas destas plantas são preparadas sob a forma de chás, garrafadas, emplastos, entre outros. Alguns são ingeridos, outros são utilizados em gargarejos. Bem como disse Dona Tida o uso da folha da *mimosa pudica*, popularmente conhecida como *Dorme dorme* é um poderoso remédio para dores de garganta e infecção bucal. De acordo com ela, o preparo dessa planta é sob a forma de chá, mas a raiz não é recomendada. A quantidade deve ser pequena por ser considerada altamente tóxica, como dizia a sua avó. Já Dona Maria e dona Ana recomendam o uso regular do chá das folhas de canela de velho (*Miconia albicans*) para artrite, artrose e dores lombares, segundo as entrevistadas para começar a

Os etnosaberes quilombolas sobre o uso das plantas medicinais no contexto escolar em turma da EJA

ver o efeito tem que fazer o uso sistematicamente por um período de um ano. É imprescindível, segundo elas, ter fé nos remédios.

Voltemos a pergunta sobre como a escola lida com esses saberes da comunidade, que são saberes dos estudantes também? Durante a pesquisa foi possível observar que na Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda os conhecimentos das alunas são muito valorizados, principalmente, na sala da EJA. Das vinte mulheres entrevistadas, quinze são estudantes da EJA, e, a participação destas se dá a todo momento durante as aulas que envolvem o assunto. Nesse sentido, foi possível observar que quando a professora solicita exemplos do cotidiano, todas buscam contribuir. De igual forma as professoras se incluem nas rodas de conversa para mediar e aprender. Os/as estudantes se sentem valorizados/as, ao perceberem que também sabem. A autoestima e a autoconfiança delas/les crescem.

Assim, perguntas como: onde são encontradas determinadas plantas e por que são essenciais para determinado uso, fazem as/os estudantes despertarem o interesse em compartilhar seus conhecimentos, e conseqüentemente a gostarem de ir à escola. Verificou-se também baixos índices de desistências da escola, após mudança na metodologia de ensino, com base nos etnosaberes. Observa-se o saber internalizado, quando, por exemplo, a questão sobre o uso das folhas ser maior diante da justificativa ofertada pelas alunas que o motivo principal é para, de certa maneira, preservar a planta, pois elas só retiram o necessário, e evitam maiores agressões. Também justificam — as alunas — que quando é necessário utilizar a casca, elas retiram a *entre casca* para que a planta não perca a seiva e assim venha a morrer, existe um grande cuidado com a preservação das espécies, pois elas têm a sensibilidade de entender que poderão precisar dessa planta novamente.

É importante mencionar que as práticas docentes da escola da comunidade têm passado por mudanças significativas, na busca por uma pedagogia própria. Impulsionada pelo curso de formação continuada que tem recebido do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Escolar Quilombola/GEPEQ/UFMT, desde 2016 até o presente momento. Tal parceria tem contribuído para que docentes de diferentes disciplinas recodifiquem seus pressupostos epistêmicos, didáticos-pedagógicos construídos historicamente pela tradição da formação eurocentrada, ainda vigente nas universidades e faculdades brasileiras, no mais das vezes, racista, colonialista, descontextualizada e excludente.

Considerações finais

A realização desta pesquisa, junto às mulheres quilombolas, evidenciou que parte significativa da população da comunidade Mata Cavalu, e das estudantes da EJA, dominam um complexo e acurado conhecimento a respeito das plantas e ervas medicinais. A escola de forma inovadora tem contemplado esses saberes-fazeres nas suas práticas pedagógicas. Demonstra atribuir importância aos etnosaberes para o bem da continuidade da cultura de quilombo historicamente constituída por meio da oralidade.

A revalorização dos conhecimentos tradicionais perpassa pelo âmbito da educação em diálogo principalmente com a Lei 10.639/03 e com as Diretrizes Nacionais para a Educação Básica Quilombola (BRASIL, 2012), cujos objetivos perspectivam a autoafirmação positiva do povo negro, por meio, da valorização das experiências, dos saberes-fazeres e das memórias afro-brasileiras na Diáspora. As práticas de cura, se configura como uma destas (re)existências negras importante. Nesse sentido o quilombo se afirma como espaços de resistência cultural e simbólica onde o uso de plantas e ervas medicinais, nos primeiros cuidados com saúde, permanecem vivos principalmente nas ações das mulheres participantes desta pesquisa.

E por outro lado, como acredita Freire (2016), somente conhecendo o seu contexto, os estudantes poderão atuar sobre ele, de modo crítico e transformador. Nesse sentido, argumentamos que seria primordial que nas aulas de Ciências e Biologia, estudantes e professores pudessem partir dos saberes sobre as plantas medicinais para estabelecer relação entre os diversos conteúdos estudados nos livros didáticos, possibilitando novas práticas pedagógicas que valorizassem os conhecimentos prévios dos/das estudantes de modo que possam estabelecer relação entre os saberes científicos e os saberes locais. Por outro lado, poderá contribuir para dar relevância às suas histórias, suas origens, e seus saberes-fazeres, bem como o fortalecer e valorizar suas identidades e culturas.

Somos conhecedores das imensas dificuldades que perpassam a realidade das escolas quilombolas, dos entraves que obstaculizam a formação dos professores e de toda carência de material didático e pedagógico. Assim, levando-se em consideração essas particularidades, é que afirmamos que não existe receita pronta, mas que esforços precisam ser mobilizados para que a prática pedagógica possa ser contextualizada, que a realidade no qual os/as estudantes estão inseridas seja respeitada e que o ensino ministrado leve em conta os conhecimentos que estes já possuem e suas experiências vivenciadas na

Os etnosaberes quilombolas sobre o uso das plantas medicinais no contexto escolar em turma da EJA

comunidade. O intuito também é fortalecer as identidades e as culturais locais, impulsionando ações de conservação e uso sustentável do meio ambiente.

Referências

- ANDRÉ, Marli. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 18ª ed. Campinas: Papirus, 2009.
- AMOROZO, Maria Cristina de. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DISTASI, L.C. **Plantas medicinais: arte e ciência**. São Paulo: UNESP. p. 47-68. 1996.
- ARROYO, G. Miguel. **Currículo, território em disputa**. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BARTH. Frederic. Grupos Étnicos e suas fronteiras. IN **Teorias da etnicidade**. POUTIGNAT. Fellippe, FERNART S. Jocelyne. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. Brasília: SEB, 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/> . Acesso em: 18 de nov., 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Brasília: CNE, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/> . Acesso em: 27 de out., 2020.
- CASTILHO, Suely. Dulce. **Quilombo Contemporâneo: educação, família e culturas**. Cuiabá, EdUFMT, 2011.
- CASTILHO, Suely Dulce; SANTANA, Gonçalves Eva Almeida de. **Etnosaberes e formação de professores quilombolas: reflexão a partir do olhar de docentes**. Expressa Extensão, v. 24, p. 40-54, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/14357> Acesso em: 22 de nov., 2020.
- CAVAGLIER, Maria C.S.; MESSEDER, Jorge. C. Plantas Mediciniais no Ensino de Química eBiologia: Propostas Interdisciplinares na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências** Vol. 14, N.1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4282> Acesso em: 05 de dez., 2020.
- DENZIN, Norman. K; LINCOLN, Yvonna. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DIEGUES, Antônio Carlos; ARRUDA, Rinaldo S.V (Org). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Programa Nacional de Conservação da Biodiversidade, Série Biodiversidade, 4. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.
- DINIZ, Raphael F. **Etnosaberes e culturas tradicionais afrobrasileiras: farmacopeia, magia e reprodução material e simbólica de comunidades quilombolas do vale do Jequitinhonha-MG**. Revista GEOgraphia v. 21 n. 47, 2019, set./dez. p. 13-28. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/28178/23458> . Acesso em mai., 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GROSFUGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos da economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: Ki Zerbo, (org.). História geral da África In: **metodologia e pré-história da África** / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p.167-212.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução Marta Lança. Portugal: Editora Antígona, 2014.

MOREIRA, Antônio F; SILVA, Tomás T. Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. IN MOREIRA, Antônio F; SILVA, Tomás T. **Currículo Cultura e Sociedade**. São Paulo: Cortez, 2002.

PASA, Maria. C. **Um olhar etnobotânico sobre as comunidades do Bambá, Cuiabá-MT**. Cuiabá, MT: Editora Entrelinhas, 2007.

PASA, Maria C. **Saber local e medicina popular: a etnobotânica em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 6, n. 1, p. 179-196, jan. abr. 2011.

Nota

ⁱ No dia 22 de agosto de 1988, o governo federal fundou a primeira instituição pública voltada para a promoção e a preservação dos valores culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira: a Fundação Cultural Palmares (FCP), entidade vinculada ao Ministério da Cidadania. Ao longo dos anos, a FCP tem trabalhado para promover uma política cultural igualitária e inclusiva que contribua para a valorização da história e das manifestações culturais e artísticas negras brasileiras como patrimônios nacionais. Embora em dias atuais sofre esfacelamento de sua estrutura, e passa por uma presidência equivocada em termos do objetivo pelo qual a instituição foi criada, acreditamos ser de suma importância a existência da mesma.

Sobre as autoras

Suely Dulce de Castilho

Doutora em Educação e Currículo pela PUC-SP; professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso; Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Quilombola/GEPEQ/IE/UFMT. Email: castilho.suely@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8070-7174>

Rosângela de Campos Miranda

Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso; professora da Escola Estadual quilombola Tereza Conceição de Arruda Mata Cavallo/SEDUC/MT; pesquisadora do GEPEQ/IE/UFMT. Email: rosangela.campos@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/000-0002-0659-5725>

Recebido em: 16/08/2021

Aceito para publicação em: 06/10/2021